TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA DE EDIFÍCIO ESCOLAR EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP: TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO SEPARADA PARA A MISTA

Korina Costa; Dayane Tieme Yamada Carrenho; Jaqueline Naomi Haga; Lucas Loveira Costa.

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Faculdade de Engenharias e Arquitetura e Urbanismo, Presidente Prudente, SP.

RESUMO

Muitos são os estudiosos que defendem a importância e a influência que a arquitetura tem na vida e comportamento das pessoas e tal fenômeno se intensifica no campo educacional, devido ao tempo em que alunos, professores e funcionários passam na escola. Com a finalidade de estudar tal fenômeno, estudou-se a Escola João Franco Godoy, localizada na cidade de Presidente Prudente – SP, entre as décadas de 1950 e 1970, período entre a construção da antiga edificação de madeira e a nova e moderna escola, com características da arquitetura brutalista. A presente pesquisa tem como finalidade a análise da arquitetura escolar e a relação que a mesma tem com a abordagem de ensino adotada levando em consideração os cenários sociais, culturais e políticos da referida época para o campo educacional. Cujo direcionamento metodológico é o qualitativo.

Palavras-chave: Arquitetura Escolar, Escola João Franco de Godoy, Brutalismo.

ARCHITECTURAL TYPOLOGY OF SCHOOL BUILDING IN PRESIDENTE PRUDENTE/ SP: TRANSITION FROM SEPARATE EDUCATION TO MIXED

ABSTRACT

There are many scholars who defend the importance and influence that architecture has on life and people behavior and this phenomenon intensifies in the educational field, due to the time that students, teachers and staff spend in school. In order to study this phenomenon, the School John Franco Godoy was studied, located in the city of Presidente Prudente - SP, between the decades of 1950s and 1970s, period between the construction of the old building of wood and the new and modern school, with brutalism architecture features. This research aims to analyze the school architecture and the relationship that it has with the educational approach adopted taking into account the social, cultural and political settings of that time to the educational field. Whose methodological guidance is qualitative.

Keywords: School Architecture, John Franco Godoy School, Brutalism.

INTRODUÇÃO

É inegável a importância que as atividades educacionais têm para a formação do indivíduo e segundo a Constituição Brasileira de 1988, é de competência dos Estados e Municípios prover escolas, vagas, estruturas e docentes para ensino fundamental nas cidades. Neste contexto no qual se reconhece a importância que a educação e os espaços voltados para a mesma possuem, Buffa (2002) pondera sobre a importância de levar o estudo da história da educação além do campo das edificações, considerando também os sistemas relacionados a mesma tais como os valores de determinada época representados por articulações curriculares e políticas públicas educacionais. Assim, a autora aponta que em função da forma com que alunos e professores interagem entre si, bem como os setores que se formam nas escolas em função da organização espacial das mesmas, contribuem para a criação de uma determinada cultura na e da escola.

Seguindo esta linha de pensamento, Louro (1999) defende que os edifícios e as formas com os espaços são organizados nos ambientes escolares, influenciam na formação das identidades dos gêneros daqueles que frequentam tais espaços uma vez que cada um dos grupos (femininos, masculinos, etnias, classe, sexo), tem preferência por alguma área em específico e fazem uso da mesma, o que promove condicionantes de segregação ou integração social. Ainda segundo a autora “A escola informa e produz significados que podem vir a se transformar em estigmas que limitam as possibilidades de inclusão dos indivíduos na escola e afetam negativamente suas condições de aprendizagem” (LOURO, 1999, p. 23).

Entre as décadas de 1950 e 1970, em uma época em que o discurso educacional defendido no Estado de São Paulo visava uma política pedagógica de coeducação, ou seja, que além da educação mista, reconhecia a necessidade de uma política que promovesse novas formas de pensar e agir democraticamente, respeitando as diferenças existentes entre meninos e meninas, foi que a escola João Franco de Godoy teve seu primeiro edifício construído de madeira, substituído por um segundo de características modernistas, apesar do Golpe Militar em 1964 que instaurou no Brasil um Estado militar autoritário e controlador.

O presente trabalho tem o objetivo de realizar estudo e análise da arquitetura escolar e em como as organizações espaciais das mesmas se articulam nos liames sociais e culturais de poder como um todo e com as relações de gêneros em particular. É caracterizada como estudo de caso e tem como objeto de estudo a Escola João Franco de Godoy, também denominada de “Navio” na cidade de Presidente Prudente – SP.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a qualitativa, cujo procedimento de estudo perpassou pelo estudo teórico, retomou os direcionamentos pedagógicos do período da construção da edificação escolar, assim como a elaboração dos conceitos e da investigação prática por meio de levantamentos de documentos e registros disponibilizados pela escola e pela coleta e investigação através da pesquisa de campo, seguido pelo mapeamento dos mesmos e sua análise, enquadrando-se como um estudo de caso.

O que se deu mediante o pensamento de Teixeira (2000), que define que o estudo de caso deve ter como procedimento de pesquisa a sequência que se inicia pela fase explanatória e de definição do objeto de estudo, seguida pela delimitação do alcance da pesquisa, o que compreende o estudo teórico e de retomada de autores e pesquisadores da temática, seguida pela coleta de dados, efetuada de maneira individualizada e atenta ao universo ao qual pertence o objeto de estudo, o que possibilitou ao pesquisador adentrar na última fase da pesquisa que permitiu que se faça as análises, através do cruzamento dos conceitos teóricos e das observações da prática, feitas durante o levantamento dos dados.

DISCUSSÃO SOBRE AS TRANSIÇÕES DA ARQUITETURA ESCOLAR NO BRASIL.

No Brasil, os primeiros modelos de edificação arquitetônica voltada de fato para educação, foram os Grupos Escolares e Escolas Normais, estes surgiram na primeira fase da república. Na passagem dentre o século XIX para o XX, as edificações escolares demandavam atender as aspirações das classes sociais mais abastadas, onde geralmente eram voltadas para praças e remetiam os conceitos de ordem e poder política. (KOWALTOWSKI, 2011).

De acordo com Kowaltowski (2011) os projetos eram marcados pela simetria em planta, onde havia a separação entre alas femininas e masculinas. A caráter disto tem-se como exemplar a Escola Normal da Capital, inaugurada em 1894 em São Paulo, implantada em frente à Praça da República. Para Kowaltowski (2011), a ornamentação e imponência estavam sempre presentes em tal tipologia arquitetônica na qual foi disseminada por diversos municípios, durante o período republicano.

Já dentre as décadas de 1920 e 1930, o país foi apresentando uma série de transformações, como a Semana de Arte Moderna em 1922 e a Revolução de 1930, que segundo Kowaltowski (2011), tais acontecimentos acarretaram em influenciar o setor da educação e claro, a tipologia arquitetônica das escolas. Onde assim, os edifícios passaram a exibir uma tipologia mais flexível, com nova modelagem, emprego de pilotis e térreo livre.

Os edifícios voltados para a educação passaram a apresentar uma arquitetura mais simples, sem referências históricas de estilo, abandonando o ecletismo, assim sem ornamentação, apresentando uma simplicidade geométrica, com grandes aberturas, pátios internos e concreto armado, apresentando assim o estilo moderno. (KOWALTOWSKI, 2011). Partindo de tais diretrizes, foi projetado pelo arquiteto José Maria da Silva Neves a edificação para o Grupo Escolar Visconde de Congonhas do Campo, construído em 1936 em São Paulo. Onde Kowaltowski (2011) detalha: “[...] era baseado sob dois corredores de dois pontos de Inflexão, para isolar os dois corpos de salas de aula (6 salas de aula por pavimento, num total de 12 salas), dispostos em apenas uma das faces do corredor, apoiadas sobre pilotis, criando um espaço de recreação no térreo.”

Para Kowaltowski (2011), em 1940, São Paulo era considerado um grande e importante centro industrial para o país, e partindo de tal contexto vivenciado na época, as escolas sofreram influências, sendo concebidas sob diretrizes modernas. Com o governo de Juscelino Kubistchek em 1950, a educação passou a ser um símbolo de modernidade, no qual a arquitetura escolar passou a apresentar formas geométricas mais simples, pátios internos e concreto aparente.

Seguindo esta mesma vertente arquitetônica, na década de 1960 as edificações apresentavam características marcadas pelo concreto aparente, pilotis que propiciavam em pavimentos sem fechamentos, gerando pátios internos. Onde Kowaltowski ainda delineia (FDE, 1998 apud KOWALTOWSKI, 2011, p. 90):

Os fechamentos dos demais pavimentos eram do tipo de alvenaria de tijolos, com coberturas de telhas de fibrocimento sobre lajes pré-fabricadas, ora aparentes, ora posteriores à platibanda. Na falta do telhado, a laje era impermeabilizada e se estendia em forma de marquise de acesso e proteção de entradas e circulações externas.

A caráter de exemplificação arquitetônica, cabe mencionar a Escola de Guarulhos, projetada por Vilanova Artigas e Carlos Casaldi e construída em 1962. Tal edificação detém de tais características de estilo, Artigas (2004) ainda ressalta a funcionalidade, racionalidade e flexibilidade devido aos usos neste projeto.

Vilanova Artigas, foi um arquiteto reconhecido por seus projetos de caráter impar, de residências às escolas em especial, sendo ele autor responsável pelo projeto da Escola João Franco de Godoy, mais conhecida como escola Navio em Presidente Prudente-SP, projeto que

contém um estilo arquitetônico que segue os preceitos de estilo do arquiteto, no qual será abordada e discutida ao longo deste artigo.

RESULTADOS DO ESTUDO DA ESCOLA JOÃO FRANCO DE GODOY

Presidente Prudente é uma cidade localizada na Região do Oeste Paulista que teve a sua ocupação territorial no final do século XIX, possuindo neste contexto apenas uma produção agrícola considerada como de subsistência. No início do século seguinte os pioneiros da criação da cidade começaram a chegar na região, criando assim um impulso econômico caracterizado pela cultura do café e a chegada de diversos imigrantes (ABREU, 1972).

A formação da cidade aconteceu a partir da linha férrea e do escoamento da produção agrícola para os portos, assim como aconteceu com outras cidades brasileiras como o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, entre outros, alcançando o Oeste Paulista, já na segunda metade do século XIX, advinda do grande interesse na exportação cafeeira e do declínio de produção no Vale do Paraíba (ABREU, 1972). De acordo com Honda (2011) e Baron e Paiva (2015), a expansão da produção de café através da ferrovia acabou por criar novos centros urbanos no interior do Estado de São Paulo, tal como aconteceu em Presidente Prudente.

Desta forma, a cultura cafeeira e a ferrovia foram os agentes principais para a criação e a expansão da cidade. Neste contexto se fez necessária a criação de escolas, que aconteceu através do rápido crescimento populacional quase de imediato com o surgimento da cidade. Assim, em 1925 a cidade conseguiu concretizar o seu primeiro Grupo Escolar. Presidente prudente contava até o ano de 1935 com três grupos escolares (SOUZA, 2006, p 118 apud MARIANO; RIBEIRO, 2012, p. 48).

De acordo com Mariano e Ribeiro (2012), até o ano de 1935 a cidade de Presidente Prudente possuía três Grupos Escolares, onde todos estes eram espaços adaptados para a atividade escolar, funcionando em espaços alugados ou de posse da prefeitura municipal. Em 1938 o primeiro Grupo Escolar, o Arruda Mello migrou para uma nova sede, construída arquitetonicamente para receber o uso de uma escola, sendo construída com material doado pela população em um terreno que foi cedido pelo Coronel Goulart (ABREU, 1972).

Sendo assim, o aumento da população impulsionou a implementação de diversas escolas nas periferias rurais, onde em 1950 foi concebido o Grupo Escolar Rural do Bairro Jardim Paulista, dando lugar para a Escola Municipal Franco de Godoy, denominada desta forma na atualidade, neste mesmo ano. No momento de sua implementação ela foi habilitada para o ensino do primeiro ao quarto ano, com disciplinas como Linguagem, Aritmética, Conhecimentos Gerais e Leitura. (PESQUISA DOCUMENTAL, 2015).

Arquitetonicamente falando, a escola estava inserida em uma região periférica, contando com uma edificação em madeira que foi adaptada para receber o uso escolar e possuía apenas salas de aula e salas destinadas para a direção, onde as salas de aula eram de uso misto entre meninos e meninas (COSTA, 2016). De acordo com Abreu (1972), a escola estava localizada em um terreno com área de 7744 m² e constava com 75 matrículas masculinas e 65 matrículas femininas. Com o crescimento da cidade, que o bairro que antes era periférico em 1960 já estava em uma crescente ocupação urbana, distanciando assim a escola do contexto ruralista anterior. Dessa forma, pela lei nº 6.700 de 04 de janeiro de 1962 a nomenclatura do Grupo Escolar Rural do Jardim paulista mudou para Grupo Escolar Dr. Franco de Godoy (COSTA, 2016).

A nova edificação que acolheu o Grupo Escolar Dr. Franco de Godoy foi projetado pelo arquiteto João Clodomiro Abreu e executado pela construtora Construtuma, que venceu a licitação para a construção da escola (JORNAL O IMPARCIAL, 1962; HIRAO et al., 2010). A escola Navio, contém características da arquitetura de Artigas e enquanto a escola não podia ser utilizada, os alunos permaneceram nas antigas instalações (COSTA, 2016).

A nova escola, de acordo com Souza (2006), deveria atender alguns itens da arquitetura moderna escolar como por exemplo condições higienistas, boa circulação de ar e iluminação, contendo também espaços de biblioteca, pátio, refeitório, entre outros. Seguindo essas regras, a nova escola foi projetada sob as características da Arquitetura Moderna Brasileira, mais precisamente brutalista, representada em um volume único subdividido de forma inovadora para a época. O edifício não possuía muros para se relacionar com a cidade, reforçando as relações de público e privado.

A volumetria da nova escola acontece em um formato triangular, de onde se originou o apelido da escola de Navio que foi dado pela população local. Esta semelhança com um navio se dá através de suas arestas, onde a implantação do edifício em relação a esquina se assemelhava com uma embarcação naval (COSTA, 2016).

Além de sua forma diferenciada, a escola possui uma integração com o interno pelos seus acessos que se abrem para a cidade “ [...] percursos horizontais e verticais nos patamares de suas esquinas, que também se voltam para o pátio interno definindo uma qualificação e diversificação espacial para as percepções e sensações dos seus usuários” (HIRAO, 2013, p. 107).

Com a sua construção em concreto armado aparente, a estrutura modular da escola Navio apresenta condições para proporcionar uma planta livre, e o volume triangular é erguido do solo através de pilotis (COSTA, 2016). No corredor da edificação havia acesso visual para o jardim, possibilitado pelo fechamento e vidro e suas esquadrias do tipo basculante. (HIRAO 2013).

A escola sofreu algumas alterações, e hoje recebe a coloração azul, bem diferente da cor do concreto aparente. Além disso, existe o fechamento por grades e muros impedindo a permeabilidade visual com o entorno. A escola também ganhou um ginásio coberto, com uma formatação bem distinta do edifício original. A escola que era de responsabilidade estadual hoje é gerida pela rede municipal e recebe crianças do Ensino Fundamental em dois turnos: matutino e vespertino (COSTA, 2016).

CONCLUSÃO

Em função das informações e dados obtidos ao longo da presente pesquisa, pôde-se observar que com a construção de uma edificação com características do Brutalismo Modernista, incorporou-se a busca pela implementação de modernidade à cidade de Presidente Prudente. A nova escola João Franco Godoy seguiu os direcionamentos políticos-pedagógicos para o ensino misto, quando ambos os gêneros passam a dividir espaços escolares como a sala de aula, mesmo assim a forma com que estes meninos e meninas eram educados ainda era diferente, visto que determinadas atividades tal como o futebol era desenvolvida por meninos, enquanto que as meninas desenvolviam atividades físicas em caráter de passatempo e divertimento, através e jogos de queimada e vôlei, o que certamente está vinculado ao período pelo político no qual o Brasil adentrou a partir de 1964, com uma Ditadura Militar que não permitiu muitas mudanças para o país.

Concluiu-se então que no referido período estudado na presente pesquisa, as décadas de 1950 a 1970, representou um anseio de modernidade e a efetivação de uma edificação escolar condizente com tal preceito, porém uma prática ainda bastante tradicionalista, havendo muitas distinções entre o que seria adequado e apropriado para meninos e para meninas, de tal observação pode-se abrir a discussão para novas pesquisas e argumentações, em relação a diferença entre educação mista e coeducação e também uma abordagem sobre a realidade atual em que a escola se encontra.

REFERÊNCIAS

ABREU, D. Formação histórica de uma cidade pioneira: Presidente Prudente. Presidente Prudente: Faculdade de FFCLPP/UNESP, 1972.

ARTIGAS, V. Sobre escolas. Acrópole, n. 377, p. 10-13, set. 1970. Caminhos da arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

BARON, C. M. P. Habitação e cidade em Presidente Prudente. 2011. 221f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2011.

_____; PAIVA, S. C. F. Complexo Industrial e patrimônio Urbano em Presidente Prudente. In: FIORIN, E.; HIRAO, H. (OrgS.). Cidades do interior paulista. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

BUFFA, E. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, D. (Org.). Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002.

COSTA, K. Arquitetura e gênero nas transições do espaço escolar: estudo de caso da escola navio (1950 – 1970). Dissertação de mestrado em educação. Universidade do Oeste Paulista, 2016.

HIRAO, H. O desígnio brutalista em Presidente Prudente: Paço Municipal, Escola João Franco de Godoy e terminal rodoviário. Tópos, v. 7, n. 2, p. 100-112, 2013.

HONDA, S. C. A. L. Habitação de baixa renda como produto do capital: o programa de arrendamento residencial (PAR) em Presidente Prudente, SP. 2011. Tese (Doutorado) – Mackenzie, São Paulo, 2011.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina textos, 2011

LOURO, G. L. O Corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARIANO, J.; RIBEIRO, A. De Escolas Reunidas a Grupo Escolar: os primórdios da Educação em Presidente Prudente (1921-1925). In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 2., 2012, Presidente Prudente. Anais... Presidente Prudente, 2012.

SOUZA, F. C. Desvendando práticas familiares e escolares e partir das relações de gênero: uma reflexão sobre a educação de meninos e meninas. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP – câmpus de Araraquara, Araraquara, 2007.

SOUZA, R. F. Espaço da educação e da civilização: origens

TEIXEIRA, E. As três metodologias. 2ª ed. São Paulo: Vozes, 2000.